

DEZEMBRO | VOL 5 | N.º 2
Ano 2020

Revista da Rede Internacional de
Investigação-Ação Colaborativa



ESTREIADIALOGOS

estreiadialogos@gmail.com

EQUIPA EDITORIAL

DIRETORA DA REVISTA

Maria Assunção Flores

CONSELHO DE REDAÇÃO

Ana Margarida Veiga Simão, Universidade de Lisboa, Portugal

Ana Maria Silva, Universidade do Minho, Portugal

Carlos Silva, Universidade do Minho, Portugal

Donizete Daher, Universidade Federal Fluminense, Brasil

José da Silva Ribeiro, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Brasil

Irma Brito, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Portugal

Lurdes Carvalho, Universidade do Minho, Portugal

Maria Amélia do Rosário Santoro Franco, Universidade Católica de Santos, Brasil

Mariangela Almeida, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rinaldo Molina, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Alice Yamasaki, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Ana Isabel Andrade, Universidade de Aveiro, Portugal

Ana Paula Caetano, Universidade de Lisboa, Portugal

André Moisan – CNRS, Laboratoire LISE – CNAM, Paris

Clara Coutinho, Universidade do Minho, Portugal

Cristina Parente, Universidade do Minho, Portugal

Danilo Romeu Streck, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Denise Meyrelles de Jesus, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Edna Maria Goulart Joazeiro, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elsa Lechner, Universidade de Coimbra, Portugal

Eneas Rangel Teixeira, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Fátima Vieira, Universidade do Minho, Portugal

Fernando Ilídio Ferreira, Universidade do Minho, Portugal

Flávia Vieira, Universidade do Minho, Portugal

Isabel Freire, Universidade de Lisboa, Portugal
José Luís Silva, Universidade do Minho, Portugal
Lia Oliveira, Universidade do Minho, Portugal
Lina Márcia Berardinelli, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Lourdes Maria Bragagnolo Frison, Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Maria Alfredo Moreira, Universidade do Minho, Portugal
Maropeng Modiba, Universidade de Joanesburgo, África do Sul
Michel Thiollent, UNIGRANRIO/PPGA - Rio de Janeiro, Brasil
Palmira Alves, Universidade do Minho, Portugal
Reyes Quezada, Universidade de San Diego, EUA
Roman Švaříček, Universidade de Masaryk, República Checa
Ruth Balogh, Universidade de Glasgow, Reino Unido
Sandy Stewart, Universidade de Joanesburgo, África do Sul
Sigrid Gjøtterud, Norwegian University of Life Sciences, Noruega
Sonia Acioli de Oliveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Vera Maria Saboia, Universidade Federal Fluminense, Brasil

ASSISTENTES EDITORIAIS

Catarina Sobral
Diana Mesquita
Marco Bento

ISSN 2183-8402

FINALIDADES E ÂMBITO DA REVISTA

AIMS AND SCOPE OF THE JOURNAL

A Revista ESTREIADIÁLOGOS pretende constituir um espaço para disseminar trabalhos que procurem articular investigação e prática em contextos ligados à educação, aos estudos da criança, à saúde, à intervenção comunitária e ao serviço social, entre outros. A revista visa promover e divulgar projetos de investigação-ação em vários domínios através de uma variedade de formatos bem como contribuir para consolidar, fundamentar e dar visibilidade à investigação-ação, incluindo as questões metodológicas, epistemológicas e éticas que lhe estão inerentes. A ESTREIADIÁLOGOS surgiu na sequência da criação da Rede Internacional de Investigação-Ação Colaborativa (www.estreiadialogos.com), em novembro de 2015, no âmbito do Congresso Internacional Anual da Collaborative Action Research Network (CARN). A ESTREIADIÁLOGOS visa encorajar e apoiar projetos que contribuam para aprofundar o debate em torno das questões teóricas e metodológicas que caracterizam a investigação-ação através do estabelecimento de parcerias e do trabalho em rede. Para mais informações, ver site da ESTREIADIÁLOGOS.

POLÍTICA DE AVALIAÇÃO DOS ARTIGOS

PEER REVIEW POLICY

Todos os artigos submetidos à ESTREIADIÁLOGOS serão objeto de análise por parte da direção da revista no sentido de serem verificados aspetos relativos à pertinência e enquadramento dos mesmos no âmbito da revista, sendo, posteriormente, submetidos a um processo rigoroso de revisão por pares, por, pelo menos, dois pareceristas, membros do Conselho Científico. Se necessário, serão solicitados outros pareceres. As decisões serão comunicadas aos autores juntamente com o feedback sobre o manuscrito.

PREPARAÇÃO E SUBMISSÃO DOS MANUSCRITOS

PREPARATION AND SUBMISSION OF MANUSCRIPTS

LÍNGUA

LANGUAGE

São aceites artigos em Português, Francês, Inglês e Espanhol

DIMENSÃO

WORD LIMIT

Os artigos deverão ser originais e não deverão exceder as 6000 palavras, incluindo resumo, corpo do texto, tabelas, figuras e referências. Os autores devem indicar o número de palavras aquando da submissão do artigo.

RESUMO

ABSTRACT

Os resumos deverão ser redigidos na língua original e em Inglês, não devendo ultrapassar as 200 palavras.

PÁGINA INICIAL

INITIAL PAGE

Em folha separada os autores deverão colocar o título do artigo (que deverá ser conciso e informativo), os resumos, na língua original e em Inglês, bem como entre 3 e 5 palavras-chave (nas duas línguas). Devem ainda incluir a identificação, afiliação institucional e morada completa dos autores, incluindo país, email e telefone e indicar o autor a contactar para assuntos relacionados com o manuscrito (*corresponding author*).

TEXTO PRINCIPAL

MAIN TEXT

Os autores devem preparar dois exemplares do manuscrito: um com a identificação dos autores e outro sem a identificação dos autores, o qual será enviado para avaliação por parte de, pelo menos, dois pareceristas (blind review)

ANEXOS

APPENDICES

No caso de existir mais do que um anexo, estes devem ser identificados utilizando para o efeito A, B, C, etc.

QUADROS E FIGURAS

TABLES AND FIGURES

Os quadros e figuras devem ser numerados sequencialmente e apresentados em folhas separadas, em formato editável, incluindo legenda. A sua localização deve ser indicada no corpo do texto (referindo, por exemplo, INSERIR QUADRO APROXIMADAMENTE AQUI).

Aquando a submissão, os autores devem declarar que o manuscrito não foi submetido a outra revista, que respeita as normas da revista, que sobre ele não recaem conflitos de interesse e que foram salvaguardadas as questões éticas de investigação em vigor no contexto onde o estudo foi conduzido.

As opiniões e o conteúdo dos manuscritos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os artigos deverão ser submetidos através do email: estreiadialogos2016@gmail.com

Todas as submissões serão feitas em suporte eletrónico, num ficheiro com um formato que seja legível pelo programa Microsoft Word, e que possibilite a inclusão de formatação adequada (e.g., doc, docx, rtf). O formato odt (Open Office) deverá ser evitado, visto que alguns revisores poderão não ter software

compatível. Não serão aceites submissões em formato pdf, visto que este formato não pode ser editado pelos processadores de texto correntes.

REFERÊNCIAS

REFERENCES

As referências devem ser ordenadas alfabeticamente, seguindo as normas do Publication Manual da American Psychological Association (APA), 6th Ed., 2010.

Exemplos:

Livro: Adiga, A. (2009). *O tigre branco*. (2ª ed). Lisboa : Presença

Cap. de livro: Hughes, D., & Galinsky, E. (1988). Balancing work and family lives: Research and corporate applications. In A. E. Gottfried & A. W. Gottfried (Eds), *Maternal employment and children's development* (pp. 233-268). New York: Plenum.

Artigo de Revista: Almeida, C.M., Ferreira, A. M., & Costa, C. M. (2010). Aeroportos e turismo residencial: Do conhecimento às estratégias. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 13/14 (2), 473-484.

Comunicação em Conferência: Nicol, D. M., & Liu X. (1997). The dark side of risk (what your mother never told you about time warp). In *Proceedings of the 11th Workshop on Parallel and Distributed Simulation, Lockenhaus, Austria, 10–13 June 1997* (pp. 188–195). Los Alamitos, CA: IEEE Computer Society.

Dissertação/Tese defendida: Carlson, W. R. (1977). *Dialectic and rhetoric in Pierre Bayle*. (Tese de doutoramento não publicada). Yale University, USA.

Publicações sem data: Altherr, J. (s.d.). *La casa de los niños: diseño de espacios y objetos infantiles*. Barcelona: Gamma.

Nota: Obras a aguardar publicação indica-se (no prelo) para portugueses (in press) para ingleses

NOTAS

FOOTNOTES

As notas devem ser reduzidas ao mínimo e numeradas sequencialmente, devendo ser incluídas no final do texto, antes das referências.

AGRADECIMENTOS
ACKNOWLEDGEMENTS

Os agradecimentos devem aparecer como primeira nota antes das referências.

DIREITOS DE AUTOR
COPYRIGHT

Os artigos aceites deverão ser objeto de declaração de transferência dos direitos de autor para a ESTREIADIÁLOGOS.

ÍNDICE

Editorial

Editorial: Mediação, participação e investigação-ação colaborativa	9
Convivência e paz em tempos de crise: contributos da mediação	15
La médiation sociale à l'épreuve de la crise sanitaire: un acteur de régulation sociale au plus près de la population	30
Investigação-ação participativa – uma investigação crítica no âmbito da mediação sociofamiliar para o desenvolvimento da parentalidade transformativa	41
Metodologias cooperativas para o desenvolvimento: um olhar sobre a mediação	57
A mediação e o diálogo intercultural que se transformam em "capital social"	78
Entretien avec Hibat Tabib. « Quel lien développer entre le monde de la recherche et les acteurs de la médiation sociale ? »	89

EDITORIAL

Mediação, participação e investigação-ação colaborativa

Regozijamo-nos poder apresentar a décima edição da Revista ESTREIADIÁLOGOS, a segunda do ano de 2020. Esta edição constitui um volume temático, dedicado à apresentação de contextos e processos de implementação e desenvolvimento da mediação e sua articulação com as dimensões da participação e da investigação-ação colaborativa.

A mediação é uma disciplina e uma metodologia cujo conhecimento científico-metodológico, praxeológico e ético se foca na compreensão, prevenção, gestão e transformação cooperativa de conflitos, para o desenvolvimento de sociedades sustentáveis, humanistas, pacíficas, críticas e democráticas.

Num ano em que o mundo viveu desafios particulares, face a uma pandemia global com consequências sanitárias, sociais e políticas exigentes, imprevisíveis e universais, a ciência, o conhecimento e a solidariedade constituem suportes essenciais para a resiliência, a esperança e a confiança das pessoas, das comunidades e das democracias mundiais. Por isso, faz-nos sentido interpelarmos estes desafios atuais através do diálogo entre a investigação-ação e a mediação: ambas se focam na transformação das pessoas e das sociedades; ambas se nutrem e concretizam com a participação e cooperação dos vários protagonistas; ambas se afirmam nos valores humanistas e democráticos e se “assumem como uma metodologia participativa, colaborativa, sistemática, política, crítica e orientada para a mudança (Kemmis & McTaggart, 1992, in Flores & Silva, 2019, p. 10). Ambas buscam a construção de comunidades (auto)críticas, solidárias e coesas através de um processo sistemático de reflexão, diálogo, questionamento e cooperação com vista à inovação e à melhoria da qualidade dos contextos e da ação dos intervenientes (Silva & Carvalho, 2016, p.102).

A investigação-ação traduz-se numa metodologia que visa a inovação e a transformação das práticas sociais e educativas, através da articulação entre investigação, ação e formação para a mudança e o conhecimento (Kemmis & McTaggart, 1992; Flores & Silva, 2019); para o alcance deste desiderato pressupõe a participação e a colaboração dos diversos protagonistas na ação e na investigação de forma sistemática e crítica (Silva & Carvalho, 2016).

A mediação exprime-se num processo participado e colaborativo de construção, descoberta, reconhecimento e transformação pessoal, interpessoal e social; simultaneamente,

inscreve-se numa ética da liberdade, na convicção da capacidade dos sujeitos em fazerem escolhas, em progredirem, mudarem, melhorarem a sua capacidade de comunicação, escuta e intercompreensão (Silva, 2018).

Podemos, portanto, encontrar a expressão de conexões fortes e complementares entre os princípios e os objetivos da mediação e da investigação-ação colaborativa. Se ainda é relativamente escassa a literatura sobre a investigação-ação em mediação, é também verdade que na prática esta relação se estabelece e é problematizada, nomeadamente no âmbito da formação e da ação dos mediadores. A maior parte dos textos que integram este volume são disso testemunho e resultam, na sua quase totalidade, da participação de oradores convidados no Congresso Internacional online Mediação em Diálogo, realizado a 21 de maio de 2020 a partir da Universidade do Minho, sob o tema A mediação em tempo de crise: pelo diálogo, diversidade e desenvolvimento.

Encontrávamo-nos à data em plena pandemia Covid-19, em estado de confinamento em quase todos os países europeus. O objetivo foi celebrar o Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento reconhecido pelas Nações Unidas em 2002 para celebrar a riqueza das culturas do mundo e seu papel essencial no diálogo intercultural para alcançar a paz e o desenvolvimento sustentável. Valorizar e celebrar a diversidade e o diálogo, aprofundar e potenciar o desenvolvimento da mediação, refletir sobre os desafios que se colocam às sociedades e à mediação em tempos de crise constituíram os argumentos inequívocos de compromisso com as pessoas, as sociedades e o conhecimento sobre a mediação.

A organização deste volume apresenta, assim, como fio condutor narrativo, a mediação e a investigação-ação. Os textos que integram a primeira parte da Revista apresentam uma abordagem teórica, mais académica, e uma descrição reflexiva de práticas vividas por mediadores em contextos muito específicos; lemos sobre a teorização da paz, da convivência e da mediação, e simultaneamente sobre estratégias propostas a mediadores ou usadas por eles/elas para, no terreno e no espaço da convivência social partilhada, colocarem esses conceitos em prática. Numa segunda parte, acolhemos, num registo menos académico, embora alimentado por este, um diálogo e testemunhos de práticas culturais ancoradas em realidades, necessidades e problemas de contextos diversos.

No primeiro artigo, Elisabete Pinto da Costa analisa as sociedades líquidas contemporâneas, pautadas por crises de paradigmas, para propor a mediação enquanto espaço de construção de convivência e de paz positiva, paz direta, paz estrutural e paz cultural por meio de dinâmicas dialogantes e colaborativas. Num articulado teórico muito claro, a autora explora

o conceito de paz positiva, diversas perspectivas sobre a convivência e o conflito, para propor que o conflito poderá ser aproveitado como mecanismo de mudança e gerido para empoderar indivíduos; e que o entendimento de paz positiva, por oposição a paz negativa, pressupõe empatia, solidariedade e colaboração entre indivíduos. Sendo a mediação uma nova forma de atuar, multinível e multifocal, no mundo atual de crises de pós-modernidade, ela encontra-se em situação privilegiada para gerar ligações e integração (de sujeitos, grupos, povos e estados) por meio da gestão das diferenças e dos diferendos, criando condições de empoderamento, de justiça e de coesão numa lógica culturalmente colaborativa e integrativa de cidadanias.

É em momentos de crise profunda que se confirma a pertinência ou a superfluidade da mediação social nas nossas sociedades, escreve André Moisan, em francês, no segundo artigo. Com grande clareza e à luz da teoria da regulação social, o autor descreve a importância da mediação social, durante o período inicial de confinamento devido à pandemia Covid-19, para manter laços sociais e contacto entre as instituições e as pessoas, argumentando que os mediadores ocuparam posições intermédias (de ‘tiers’) entre instituições de regulação social e mecanismos de ‘regulação autónoma’ dos próprios habitantes dos espaços. Os atores de proximidade, ou generalistas de proximidade — como os designa o autor, passaram para primeiro plano na manutenção de um mínimo social vital, a sua visibilidade aumentou, particularmente nos bairros mais pobres e com grandes concentrações populacionais. Para atuarem deste modo, muitas vezes os mediadores tiveram que utilizar novas modalidades de intervenção, multiformes, plurais e atuar contra as normas de confinamento impostas. O autor destaca também o que se alterou na mediação social: os mediadores funcionaram como aqueles que trouxeram conforto e visibilidade a populações que se julgaram esquecidas; eles funcionaram igualmente como agentes de ligação numa encruzilhada de outros atores e serviços: médicos, senhorios, centros de culto religiosos, municípios, escolas.

O terceiro artigo, sobre mediação sociofamiliar para o desenvolvimento da parentalidade transformativa, da autoria de Patrícia Guiomar e Isabel Viana, salienta várias dimensões de um projeto de mediação perspectivado pela investigação-ação participativa. O contexto descrito é o de uma Casa de Acolhimento Residencial de crianças e jovens. O projeto de investigação-ação desenvolvido visa a criação de espaços onde os familiares das crianças se sentem apoiados para desenvolverem as suas competências parentais por meio da reunificação dos laços afetivos e da criação de uma cultura de diálogo, convivência e entreajuda entre as famílias e as instituições de acolhimento, tendo sempre por objetivo último a promoção, proteção e garantia do desenvolvimento global das crianças e jovens. Utilizando a análise documental, conversas

informais e grupos focais realizados com as crianças e jovens, famílias e profissionais da instituição, como base do desenvolvimento de dinâmicas de interação com as famílias, as autoras realçam as potencialidades da mediação sociofamiliar para gerar conhecimento coletivo útil para intervir de forma mais eficaz em questões sociais e educativo-culturais, em respeito pelos sentidos atribuídos à realidade de todos os intervenientes e como forma de desenvolver novas formas de parentalidade.

Continuando a investigação sobre práticas no terreno, no contexto da investigação-ação com metodologias colaborativas, o quarto artigo, da autoria de Gabriela Leite, explora, no uso de um jogo de tabuleiro, as possibilidades de promover a mediação, a colaboração e competências sociais transversais necessárias aos desafios que se colocam às sociedades contemporâneas. O jogo proposto, criado numa lógica colaborativa com as crianças a quem se dirige, representa um exemplo de promoção lúdica e pedagogicamente inovadora dos princípios da mediação e da colaboração porque promove a par e passo comunicação positiva, negociação, participação e escuta ativas, consensos provisórios para atingir um objetivo comum. As crianças são chamadas a resolver ‘missões’ (problemas ou conflitos) de natureza cidadã no contexto de ‘histórias’ que se vão narrando sobre o que acontece no pequeno arquipélago constituído por 13 ilhas, cabendo ao educador mediador acompanhá-las nas aprendizagens dialogantes que fazem.

O testemunho de Giovanni Ghibaudi oferece uma reflexão sobre o papel dos mediadores sociais nas cidades e sobre a eficácia do projeto “Mediadores Interculturais de Rua” na cidade de Turim, em Itália, implementado desde 2001. O autor reflete sobre as funções do mediador intercultural, de escuta e acompanhamento, de gestão de conflitos/mal-entendidos e mediação intercultural, bem como de ligação com as redes de apoio e outros profissionais. O autor salienta os objetivos do projeto de empoderar os migrantes para utilizar recursos e construir relações com a comunidade de Turim; de produzir conhecimento sobre os locais e espaços frequentados pelos migrantes; e de "produção de capital social", no sentido de “aumento da compreensão, confiança e coexistência por parte da cidade de acolhimento e por parte dos migrantes.” O texto descreve a rua como local privilegiado da vida e de encontro com os migrantes, de coexistência de diferentes culturas, como lugar para começar a valorizar a identidade estrangeira e sobretudo como lugar de intercultura. Para os mediadores interculturais, a rua pode construir novas redes de mobilidade e de interação e pode transformar os locais da cidade (as praças, os jardins), mas pode igualmente identificar problemas e necessidades, comportamentos e conflitos de grupos diferentes (jovens ou idosos) em locais específicos, que constituem recursos

disponíveis, à espera de serem apropriados pelos habitantes da cidade nos seus próprios termos.

A encerrar o presente volume temático, Hibat Habib, entrevistado por André Moisan, problematiza a relação entre mediação e investigação como forma dialética de relacionar teoria e prática. Neste caso trata-se do reconhecimento da mediação social a propósito de uma cidade francesa, Pierrefitte-sur-Seine, “Ville médiation”. Hibat Habib oferece três princípios de relação entre a investigação e a prática: (1) o conhecimento radica da prática no terreno e é a partir dela que elabora conceitos teóricos; (2) é a prática que permite avaliar a fiabilidade do conhecimento sobre ela; (3) o objetivo da produção do conhecimento deve ser a prática, a transformação das realidades. Por outro lado, como afirma o autor, sem a investigação e o conhecimento académicos produzidos sobre a prática, esta última enterra-se na incerteza e na incapacidade de avaliação dos riscos de uma ação ou sequer de apreensão da sua complexidade.

A diversidade de textos e estilos que integram este volume traduzem expressões da investigação-ação colaborativa e da mediação e refletem a abrangência das suas articulações sociais. Através de olhares múltiplos podemos perceber os compromissos entre conhecimento, ação e investigação na construção e consolidação de sociedades democráticas.

Agradecemos a todos os autores deste número pelos textos partilhados e aos revisores científicos que possibilitaram uma análise crítica dos mesmos e contribuíram para uma melhor clarificação das temáticas abordadas.

Ana Maria Costa e Silva
Universidade do Minho, Portugal

André Moisan
Laboratoire Interdisciplinaire de Sociologie Économique
(LISE), França

Margarida Morgado
Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal

Referências

Flores, M. A. & Silva, A. M. C. (2019). Investigação-ação: Reflexão, Ação e Transformação. *Revista ESTREIADIÁLOGOS*, Volume 4 (1), pp. 9-13.

Kemmis, S. & McTaggart, R. (1992). *Cómo planificar la investigación acción* (re-impressão). Barcelona: Laertes, s. A. De Ediciones.

Silva, A. M. C. & Carvalho, M. L. (2016). A investigação-ação ao serviço de uma pedagogia crítica e democrática. *Revista ESTREIADIÁLOGOS*, Volume 1 (2), pp. 102-110.

Silva, A. M. C. (2018). O que é a Mediação? Da conceptualização aos desafios sociais e educativos. In M. A. Flores; A. M. C. Silva & S. Fernandes (Eds.), *Contextos de Mediação e de Desenvolvimento Profissional* (pp. 17-34). Santo Tirso: De Facto Editores.